



## **Do Papel aos Projetores: A Adaptação de “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”<sup>1</sup>**

Juliana Souza<sup>2</sup>  
Cleide Luciane Antoniutti<sup>3</sup>  
Estácio de Sá

### **Resumo**

Esse artigo tem o objetivo de apresentar uma análise da adaptação da linguagem literária para o audiovisual. Busca-se compreender os recursos que caminham para a realização dessa prática, através da pontuação das histórias de cada meio de comunicação, sua forma de atuação e influência sobre a sociedade. A partir da teorização sobre a indústria cultural e a comercialização da cultura, aliada às teorias literária e cinematográfica, objetiva-se a reflexão sobre a relação existente entre as duas formas de produção cultural, visando suas características.

**Palavras-chave:** Literatura; Audiovisual; Adaptação; Harry Potter.

### **Introdução**

A literatura de massa (SAMUEL, 2010), busca atingir as necessidades dos homens, possibilitando a interação do leitor com o texto. Os elementos estruturais do texto, como sua estética e significado, são elaborados de modo a permitir a experimentação de um novo contexto, de uma nova situação de mundo pelo leitor. O conteúdo exposto deve ser experimentado e não só compreendido. Sobre as histórias literárias, Rogel Samuel explica que

Segundo Jauss, as histórias literárias tradicionais eram escritas na perspectiva dos produtores de texto; ele propunha que possamos entender a literatura como um processo que reconhece o papel do consumidor ou leitor, na interação entre autor e público. A significação histórica da obra não é, diz ele, estabelecida pelas suas qualidades, ou pelo gênio de seu autor,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo na Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro e Repórter da Super Rádio Tupi.

<sup>3</sup> É doutoranda em Ciência da Informação (UFRJ), mestre em Sociologia Política (UFPR), jornalista (UEPG), professora dos cursos de comunicação social e orientadora desse paper.



mas pela cadeia de recepções de geração em geração.  
(SAMUEL, 2010, pág.166)

A relação do cinema com a literatura é antiga e desde o seu início sofria contestações. Antes do surgimento do direito autoral, em 1910, os produtores cinematográficos utilizavam-se de histórias vindas de livros e peças de teatro para representar em seus filmes. Desde então, diversas obras literárias têm sido adaptadas para o cinema.

Podemos dizer que essa relação entre cinema e literatura iniciou-se pouco tempo após a invenção dos irmãos Lumière(1895) e persiste até hoje, se considerarmos que muitos filmes todo ano são produzidos a partir de transposições literárias. Temos como exemplos: “O Poderoso Chefão”, “E o Vento Levou”, “Senhor dos Anéis”, “Don Juan”, “O Mágico de Oz”, “O Iluminado”, “Orgulho e Preconceito”, entre outros.

Os recursos adquiridos pela linguagem audiovisual auxiliam a alteração da ordem cronológica da narrativa, através de recursos como cortes, planos e angulações, que também ajudam na contextualização da obra. A continuidade da narrativa adotada pela linguagem audiovisual se deve principalmente ao processo de projeção. A velocidade da imagem projetada no cinema permite que o enredo seja acompanhado através da percepção de uma imagem contínua criada pela filmagem fotográfica seqüencial.

Mas o que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão culturais é o poder excepcional que lhe advém do facto de a sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade. Com efeito, com ele, são os próprios seres e as próprias coisas que aparecem e falam, dirigem-se aos sentidos e falam à imaginação: a uma primeira abordagem parece que qualquer representação (o significante) coincide de forma exacta e unívoca com a informação conceptual que veicula (o significado).  
(MARTIN, 1990, pág.24)

São esses elementos visuais existentes no cinema que dão a ele o poder de comunicar universalmente. A utilização da linguagem falada permite que a acessibilidade e aceitabilidade do cinema seja muito ampla. As técnicas desenvolvidas as transformações ao longo dos anos permitiram estabelecer uma rivalidade com a leitura, uma vez que o cinema “se dirige a uma platéia que pode ser mais numerosa e diversificada do que um público de leitores, pois não exclui nem os semiletrados nem os analfabetos.” (XAVIER, 2003, pág.296)



As modificações, omissões e adaptações que são realizadas, acabam deixando as obras produzidas diferentes dos textos originais, devido às necessidades inerentes às produções audiovisuais. Apesar disso, torna-se inevitável a comparação crítica entre as duas obras. A análise do processo de adaptação implica na reflexão sobre as características da linguagem literária e audiovisual que justifiquem que explicitem e expliquem as diferenças.

Neste caso, representam o estudo as obras literária e audiovisual de “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”. Dessa maneira, torna-se fundamental a análise comparativa dessas duas obras, de forma a analisar e identificar as modificações sofridas pelo texto original durante o processo de transposição, que se dá em função das necessidades inerentes ao modo de produção.

Foram buscados diversos autores de diferentes campos de estudo, como a Comunicação Social, a Crítica Literária, a História e a Sociologia. Entre eles, estão Ismail Xavier e Marcel Martin, que discorrem sobre a cinematografia; Terry Eagleton e Rogel Samuel, na teoria e crítica literária, além de Theodor Adorno e Claudia Beltrão, nos campos da Sociologia e História.

Pautando-se na ideia de que, quando uma produção cinematográfica reproduz uma obra literária, muitas informações são omitidas, desconfiguradas ou reconfiguradas, vemos que tais fatores podem vir a desencadear lacunas ou uma má interpretação dos fatos no espectador “não-leitor”.

### **Produções culturais e a estética do consumo**

A Indústria Cultural é um sistema integrado. Isso nos permite dizer que ela se expande de forma semelhante nos meios de comunicação, pois impregna com seus signos em todos eles. Sobre a relação entre cinema e literatura, é fundamental que do ponto de vista teórico, seja analisada pelo papel que cada um desempenha nesse grande sistema de mídia que a Indústria Cultural é.

Para a Indústria Cultural, a prática de transformar um produto de massa de uma mídia para outra tornou-se muito comum. A Indústria Cultural refere-se à conversão da cultura em mercadoria, ao processo de subordinação da consciência à racionalidade capitalista (ADORNO, 1985). Essa expressão remete a uma prática social, onde a produção cultural e intelectual passa a ser pautada em função de sua possibilidade de consumo no mercado.



Não se poderia, de todo modo, falar em indústria cultural num período anterior ao da Revolução Industrial, no século XVIII. Mas embora esta Revolução seja uma condição básica para a existência daquela indústria e daquela cultura, ela não é ainda a condição suficiente. É necessário acrescentar a esse quadro a existência de uma economia de mercado, isto é, de uma economia baseada no consumo de bens; é necessário, enfim, a ocorrência de uma sociedade de consumo, só verificada no século XIX em sua segunda metade. (COELHO, 1993, pág. 6)

A literatura e o cinema são, portanto, produtos da industrialização da obra de arte. As técnicas utilizadas na literatura permitem ao leitor interagir com a narrativa e, ao mesmo tempo, identificar-se com a história contada. No que tange à literatura, o leitor tem a possibilidade de ir mais a fundo na questão da identificação, já que existe a possibilidade da livre interpretação.

No cinema, quando se utiliza de uma história contada por um livro, o ato de “dar vida” a um personagem antes só imaginado confirma a ideia passada pelo livro. A utilização de personagens estereotipados, com características já conhecidas pela grande massa afirma não só a idealização, mas principalmente a familiaridade com o que é mostrado.

Para a Indústria Cultural, podemos dizer existe um ganho de ambos os lados. As histórias contadas nos livros, a partir da livre interpretação e da identificação, são passíveis de lucro uma vez que o leitor sente como se estivesse vivendo a história narrada, o que o agrada muito, devido às suas aspirações. Já o cinema, permite o lucro a partir do sucesso da obra literária, em função da afirmação das histórias e da possibilidade de tornar mais real aquilo que foi lido.

Apesar disso, é preciso ressaltar que existe um outro viés, onde o cinema é utilizado como ponte para lançar uma obra literária. A produção e os recursos que envolvem o cinema criam um convite para a leitura. O estímulo do espectador está em confirmar aquela realidade que foi vista através de outro meio.

No que tange a transposição da linguagem literária para a audiovisual, entende-se essa como fruto da própria indústria cultural, como forma de arrecadar e obter um lucro maior.

Os talentos já pertencem à indústria muito antes de serem apresentados por ela: de outro modo, não se integrariam tão fervorosamente. A atitude do público, que, pretensamente e de fato, favorece o sistema da indústria cultural é uma parte do sistema, não sua desculpa. Quando um ramo artístico segue a



mesma receita usada por outro muito afastado dele quanto aos recursos e ao conteúdo (...) ou quando a “adaptação” deturpadora de um movimento de Beethoven se efetua do mesmo modo que a adaptação de um romance de Tolstoi pelo cinema, o recurso aos desejos espontâneos do público torna-se uma desculpa esfarrapada. Uma explicação que se aproxima mais da realidade é a explicação a partir do peso específico do aparelho técnico e do pessoal, que devem, todavia ser compreendidos, em seus menores detalhes, como partes do mecanismo econômico de seleção. (ADORNO, 1985, pág. 115)

O capitalismo acabou por criar condições para uma democratização da cultura, quando tornou os bens culturais objetos de produção industrial. Essa afirmação salienta o fato de que a socialização dos meios de consumo estava ligada à distribuição em massa de filmes e impressos (ADORNO, 1985).

### **A diferente transmissão de uma mesma mensagem**

Os meios de comunicação são conhecidos por desempenhar o papel de difundir a informação entre os vários estratos da sociedade. Existem diferentes meios de comunicação, cada um com uma característica específica que o torna único diante dos outros. Cada meio tem uma forma própria de transmitir uma mesma informação, fazendo com que a mensagem seja adaptada e se torne entendida ao ser veiculada.

Sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação, deve-se ressaltar que um meio é a extensão de outro (MCLUHAN, 1964). Quando um novo meio de comunicação surge, é porque incorporou características de seu antecessor e conseguiu desenvolver outro meio. Além disso, sabe-se que é a partir do meio que se estabelecem as possibilidades dele, como uma forma de controle. O padrão introduzido pela comunicação de massa ocorre e é possível pelo próprio meio de comunicação de massa.

...o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita, é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo. (...) Estamos aqui nos referindo, contudo, às conseqüências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na mesma medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. (MCLUHAN, 1964, pág.22)

Buscando a relação entre o meio cinematográfico e o meio literário e suas influências diante da sociedade, percebe-se que os dois meios exercem um grande poder



sobre ela, assumindo, entretanto, diferentes posturas para transmitir uma mesma mensagem. Para Ismail Xavier (2003), diante de um texto literário é preciso entender que a distinção entre contar (tell) e mostrar (show) deve ser relativizada pela percepção de que o “mostrar” não pode ser assumido em sentido literal, pois é o significado das palavras que produz o “ver”.

A alta definição presente em meios como o cinema, causa grande impacto sobre o público durante as exibições. Apesar de muitas vezes possuir histórias com caráter ficcional, não se pode esquecer que “A mídia tem uma influência na sociedade que seria ridículo minimizar” (LIPOVETSKY, 2004, pág.67). O espectador tenta relacionar as histórias que vê com aquilo que acontece no seu dia-a-dia, podendo vir a criar uma sensação contrária à esperada pelos autores.

Aceitássemos integral e diretamente todos os choques causados nas várias estruturas de nossa consciência, e logo não passaríamos de pobre náufragos neuróticos, gaguejando e apertando botões de alarme a cada minuto. A “censura” protege nosso sistema central de valores, bem como nosso sistema nervoso, arrefecendo e esfriando bastante as arremetidas da experiência. (MCLUHAN, 1964, pág.40)

A utilização do recurso de adaptação de uma obra literária para a linguagem audiovisual permite não só colocar em prática a questão de trazer o livro para a visibilidade, mas também de aproveitar a história já existente para atenuar o impacto causado pelo “meio frio” que é o cinema. Quando o leitor já imagina o que pode acontecer, torna-se menos inesperada sua reação.

### **Metodologia Aplicada e seus resultados**

De modo a alcançar os apontamentos desencadeados pelo projeto a fim de compreender o processo de adaptação da linguagem literária para o audiovisual, tendo como discussão livro e filme da obra “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: uma revisão bibliográfica dos autores que falam sobre a adaptação de uma linguagem literária para a audiovisual, das características de cada uma das linguagens, sobre as razões das produções cinematográficas e da indústria cultural;

Foi realizada também a análise das linguagens utilizadas na construção do livro e do filme, para que possibilitasse o correto entendimento das diferenças existentes entre a linguagem literária e a linguagem cinematográfica, além das singularidades de



cada uma. Também houve o confronto entre o conteúdo da obra literária e da produção audiovisual, através da comparação das partes contidas no livro e as exibidas no filme, a fim de relatar os pontos em comum e a existência de disparidades;

Ao refletir sobre as influências da Indústria Cultural, tornou-se possível compreender a literatura e o cinema como produtos de industrialização das obras de arte. O capitalismo apresentou-se como parte principal na socialização dos meios de consumo e distribuição em massa dos produtos culturais. Além disso, descobrimos na Indústria Cultural a necessidade da criação de personagens estereotipados que permitem uma identificação dos indivíduos na sociedade;

As diferentes maneiras encontradas na transmissão de uma mesma mensagem foram explicitadas e justificadas a partir do conhecimento dos meios “quentes” e meios “frios”. Descobrimos através da teoria literária, por exemplo, que a linguagem utiliza-se de recursos que permitem ao leitor uma maior participação e interação durante a narrativa. A receptividade e interpretação de cada indivíduo dependem também do contexto social no qual está inserido. Isso se deve ao fato de sempre haver a associação da história à vida cotidiana do homem;

Por outro lado, o cinema precisa ser mais preciso e direto para que seja possível transmitir uma mensagem que seja inteligível ao espectador. Ele acaba utilizando-se das ferramentas cinematográficas como as elipses, angulações e iluminação para contar uma história que consiga prender a atenção do espectador em um curto espaço de tempo.

### **Análise Preliminares**

A adaptação analisada sobre livro e filme da obra “Harry Potter e o Enigma do Príncipe”, nos permitiu perceber que existem diversos tipos de alterações, com diferentes graus de importância na compreensão da história.

Sobre isso, podemos primeiramente citar a questão da narrativa descritiva. No livro, o leitor tem a possibilidade de compreender todos os pensamentos e sensações de cada personagem. Em situações importantes, o filme acaba criando uma lacuna para o espectador.

Além disso, deve ser destacada também a preferência do diretor no que tange a angulação da história. Apesar de o livro mostrar um amadurecimento dos personagens e o desenvolvimento da vida amorosa de cada um deles, a história ainda é bastante densa.



Por ser o penúltimo volume da série, o livro começa a solucionar algumas questões que estavam pendentes e a deixar pontas para o próximo livro.

Sobre isso, é importante ressaltar a omissão de cenas para a inclusão de outras de menor importância, como no início do filme. A informação de que Harry ainda voltaria para a casa dos tios no próximo verão é omitida em detrimento da inclusão de uma cena de “flerte”, onde o garoto chama uma garçonete para sair. A omissão da batalha final e do enterro do diretor da escola também são destaques no livro e ausentes no filme.

Dois fatos importantes que devem ser mencionados são a questão da morte do diretor e do chamado “Príncipe Mestiço”. A maneira como Harry assiste à morte de Dumbledore é completamente diferente da mostrada no livro. Ela não evita a compreensão da cena, mas dificulta o entendimento da relação entre o diretor e o professor Snape, que seria explicada na próxima obra. O mistério em torno do “Príncipe Mestiço”, que dá nome ao filme, passa despercebido. Harry apenas descobre que se trata de seu professor, Snape. No livro, o leitor consegue conhecer a história do professor e entender suas ações e decisões ao longo da história.

### **Considerações Finais**

Durante a análise, foram observadas todas as questões envolvidas no processo de adaptação, desde as características das duas linguagens e suas especificidades às necessidades de uma produção para o grande público. Foram observadas também as questões que influenciam, como a Indústria Cultural e a diferença existente nos meios de comunicação no que tange a transmissão de uma informação.

Pautado nos acontecimentos culturais e nos adventos tecnológicos, o cinema tornou-se um dos meios de comunicação de massa mais eficazes, devido ao seu impacto e grandiosidade diante do espectador. A criação do personagem de Harry Potter por J.K. Rowling nos permitiu conhecer os acontecimentos que estavam por trás da história do bruxo que virou fenômeno mundialmente.

O filme tenta manter o mesmo ritmo da narrativa literária e consegue ser bastante fiel no que tange à questão do enredo e objetivo central proposto por J.K. Rowling. Apesar disso, algumas adaptações e omissões realizadas no filme acabaram



por comprometer o entendimento total da história e a criação de conceitos para a produção seguinte.

Sendo assim, pode-se concluir que a produção audiovisual que teve como base a obra literária “Harry Potter e o Enigma do Príncipe” apresenta muitas lacunas, apesar de conter todo o contexto objetivado pela autora do livro estar presente. Podemos compreender que os espectadores que não possuem acesso ao livro venham a sentir uma ligeira dificuldade em acompanhar os acontecimentos.

Entre outras razões, isso se deve à questão da falta de tempo existente nos cinemas para reproduzir um livro com tantas informações como esse. Os diretores, cada vez mais, buscam ao máximo ser fiéis e fazer jus às histórias contadas nos livros. Mas através da análise desse trabalho, fica possível perceber que essa questão ainda é um pouco difícil.

### **Referência Bibliográfica**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A dialética do esclarecimento*. S/L, S/E, 1985.

ADORNO, Theodor. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ANDREW, Dudley. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro, JZE, S/D.

ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.

BALÁZS, Béla. “Nós estamos no filme” In: XAVIER, Ismail (org). *A Experiência do Cinema*, São Paulo, Graal, 2003.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo, Perspectiva, 2010.

BAZIN, André. *O cinema – Ensaios*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro, JZE, 2006.

BELTRÃO, Claudia. *História Antiga v.2*. Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ, 2010.

BURKE, Peter. “Problemas Causados por Gutenberg: A explosão da informação nos primórdios da Europa Moderna”. In: *Estudos Avançados*, v.16, abril de 2002.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural?* São Paulo, Brasiliense, 1993.



COSTA, Alda C.S. *Indústria Cultural: Revisando Adorno e Horkheimer*. Belém, Movendo Ideias, 2003.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. S/L, S/E, 1987.

FADUL, Anamaria. *Indústria Cultural e Comunicação de Massa*. Disponível em <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/>, publicado em 26/02/2007.

FERNANDES, Thareja. “O mito midiático: um sobrevoo teórico”. In: <http://bit.ly/sJ5sr>, consultado em 2/10/2011.

FILHO, Wilson O. “A história da fotografia e do cinema: mais que imagens, sensações”. In: LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael (org). *Introdução à história da comunicação*. Rio de Janeiro, E-papers, 2009.

PHILADELFIO, Joana. “Literatura, Indústria Cultural e Formação Humana”. In: Cadernos de Pesquisa, v.120, novembro de 2003, pp.203-219.

FRASER, Lindsey. *Conversa com J.K. Rowling*. Egmont Books Limited, 2000.

GERBASE, Carlos. “Narrativas da consciência: a representação da subjetividade nas linguagens literária e teatral e sua transposição para o cinema”. In: Revista Famecos. Revista da Pós-graduação em Comunicação. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica, v.26, abril de 2005, pp. 92-101.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. *Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências*. Petrópolis, Vozes, 2001.

LAIGNIER, Pablo; FORTES, Rafael (org). *Introdução à História da Comunicação*. Rio de Janeiro, E-papers, 2009.

LANA, Lígia. “Celebidades e seus públicos”. In: [www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispop/LANA\\_ligia.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispop/LANA_ligia.pdf), consultado em 20/08/2011.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfose da cultura liberal – ética, mídia e empresa*. S/L, S/E, 2004.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas e Pós-cinemas*. S/L, S/E, S/D

MACIEL, Katia. “Transcinemas: Um, nenhum e cem mil”. In: [www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/kmaciel1.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/kmaciel1.pdf). consultado em 13/08/2011.

MAHMOUD, Laila. “A mãe de Harry Potter”. In: Revista Época, São Paulo, Globo, edição 477, publicada em 12/07/2007.



- MARTIN, Marcel. *A Linguagem Cinematográfica*. Portugal, Dinalivro, 1990.
- MASCARELLO, Fernando. *História do Cinema Mundial*. Campinas, São Paulo, Papyrus, 2006.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1964.
- MONTELEONE, Joana; SEREZA, Haroldo. “A bruxa que criou Harry Potter”. In: Revista Super Interessante. São Paulo, Abril, edição 202a, agosto de 2004.
- MORIN, Edgar. *As estrelas: Mito e Sedução no Cinema*. S/L. José Olympio. 1989.
- RAMON, Micaela. *O cinema na literatura ou a literatura depois do cinema*. (11p.) Artigo publicado como papel digital para o IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 2005. Disponível em <http://bit.ly/tLOz2j>. Consultado em setembro de 2011.
- ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro, Rocco, 2005.
- \_\_\_\_\_, J.K. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.
- SAMUEL, Rogel. *Novo Manual de Teoria Literária*. Petrópolis, Vozes, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- XAVIER, Ismail. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro, Graal, 2003.